

MUSEU DA PESSOA

História

A Gente queria transformar segurança, meio ambiente e saúde em valores

História de: [Mário Signorini](#)

Autor: [Maria Luiza Manoel Marcelo](#)

Publicado em: 21/06/2021

Sinopse

Mário relata sua trajetória na Petrobras, as atividades exercidas ao longo do tempo em São José dos Campos e no Rio de Janeiro. Descreve ações da em relação ao meio ambiente. Lembra um acidente grave na Revap e finaliza seu relato comentando o que é ser petroleiro na sua percepção.

História completa

Memória Petrobras Realização Instituto Museu da Pessoa Entrevista de Mário Signorini Entrevistado por Morgana Maseli São Sebastião, 26 de junho de 2009 Código: MPET_TEBAR_TM012 Transcrito por Gabriel Monteiro Revisado por Carolina Araujo Forléo P1 – Signorini, queria começar nossa entrevista pedindo pra você dizer o seu nome completo, o local e a data do seu nascimento. R – Mário Signorini, nasci em Santo André, São Paulo, 29 de abril de 1955, pouquinho tempo atrás. P1 – Conta pra mim: como é que foi a sua entrada na Petrobras [Petróleo Brasileiro S.A.] e quando foi? R – Em 1979. Eu estava fazendo mestrado no ITA [Instituto Tecnológico de Aeronáutica] em São José dos Campos, quer dizer, começando o mestrado no ITA. E aí, surgiu um concurso pra refinaria, pra Engenharia de Segurança. Eu fiz o concurso, passei, isso em 1979. Aí, passei pro Rio de Janeiro, pra fazer um curso de um ano no Rio, pra voltar pra refinaria. P1 – E aí, quando você voltou pra refinaria, qual era o seu trabalho lá? R – Bom, entrei como engenheiro de segurança. Então, fui trabalhar na área de Segurança Industrial na refinaria de São José, né, primeiro como engenheiro dentro da área de engenharia de segurança. A refinaria estava começando, quer dizer, ela começou a operar três meses... três? Três meses depois que eu cheguei na Refinaria, ainda estava em obra, isso em março de 1980, é. Depois, continuei dentro dessa área na Revap [Refinaria Henrique Lage], né, em São José, trabalhei na pré-operação da unidade de tratamento catalítico, mas sempre na área de segurança. Fiz parte da equipe de pré-operação e passamos por algumas coisas meio, não muito boas ali, alguns acidentes grandes. Num deles a gente perdeu 11 companheiros de trabalho num único acidente. E fiquei lá até o final de 1984. P1 – E aí, depois? R – Depois eu fui pro Rio... ah, continuo falando a trajetória [risos]? P1 – Pode falar. R – Desculpa, é só pra ter uma ideia. Final de 1984, início de 1985, eu fui pro Rio. Fiquei no Rio até 2006. No Rio, eu fui trabalhar na... era a antiga Desde A, Divisão de Segurança e Meio Ambiente, que hoje é o SMS [Segurança, Meio Ambiente e Saúde] Corporativo da Petrobras. Tinham quatro setores na época e eu fui trabalhar na área de inspeção de segurança que, “no fundo, no fundo”, era uma área completa de segurança, menos a parte de engenharia de incêndio. Então trabalhei muito ali com análises de projetos, novos projetos até da própria refinaria, eu fazia a análise do projeto. Fiquei até... nessa área da antiga Desema, que depois virou Susema [Superintendência de Qualidade, Meio Ambiente e Segurança Industrial], fiquei até 1995, mas em 1992 eu fui fazer um mestrado na Coppe [Instituto Alberto Luiz Coimbra de Pós-Graduação e Pesquisa de Engenharia, da Universidade Federal do Rio de Janeiro], porque aquele mestrado que eu estava fazendo no ITA parou, né? Fui fazer um mestrado na Coppe em Engenharia de Produção. No final do mestrado, em 1995, eu saí da área de Segurança e fui trabalhar em RH [Recursos Humanos], uma coisa, assim, completamente diferente, né, trabalhava na assessoria estratégica do, hoje, o RH da empresa. Antes, ele tinha um outro nome que era o Serec, Serviços de Recursos Humanos, e fiquei lá até 1999. Meu mestrado foi em 1996, fiquei até 1999... Em 1999, eu fui pra Exploração e Produção. Trabalhei na Exploração e Produção por uns anos, aí eu fui requisitado pra Transpetro [Petrobras Transporte S.A.] e fui trabalhar... voltei a trabalhar na área de Segurança. Fui trabalhar na sede da Transpetro como coordenador de segurança e Meio Ambiente, aliás... desculpe, isso aí vai ter que cortar e reeditar [risos]... como coordenador de segurança e saúde. Fiquei até 2002 como coordenador de segurança e saúde, daí passei a gerente de segurança, meio ambiente e saúde na área de Dutos e Terminais. Em 2003, eu fui pra gerente geral... 2003 ou 2004? Deixa eu lembrar aqui, depois vocês dão uma ajeitada aí. Dois mil e... não sei se foi final de 2003 ou início de 2004. P1 – A data precisa também não... R – Eu sei que não vai adiantar muito, mas tudo bem. Fui pra gerente geral de segurança, meio ambiente e saúde, ligado à presidência da Transpetro. Na época, a responsabilidade era, não só pela área de Dutos e Terminais, mas também por Navios. Fiquei até 2006 lá, aí eu passei pra consultor técnico, saí da Gerência Geral, fui pra consultor técnico, que é a minha função hoje. E vim aqui pro terminal de São Sebastião em junho de 2006, fazendo exatamente três anos. P1 – E como é que foi essa mudança pra cá? Foi um convite, foi vontade sua? R – Eu tava com vontade já de sair do Rio. O Rio de Janeiro em si, como cidade, já está muito complicado, até hoje. E eu tava querendo mais qualidade de vida. Então, tinha uma intenção, sim, de sair do Rio, né, e acabou calhando... teve um convite pra vir pra cá. Eu tava com a intenção de sair do Rio também e acabamos vindo pra cá sem nenhum problema. P1 – Hoje aqui você é consultor técnico, mas me explica qual é a sua função. R – Eu sou consultor técnico na área de Segurança, Meio Ambiente e Saúde, mas hoje eu estou trabalhando na área de Meio Ambiente aqui. É uma área de Meio Ambiente no terminal,

mas ela faz parte da Coordenação... não sou o coordenador, o coordenador é o Leonardo. Eu faço parte da Coordenação de Meio Ambiente da área de São Paulo e Centro-Oeste. Eu, quando cheguei aqui no terminal, eu trabalhei em Manutenção até um ano atrás, mas também como consultor técnico em SMS. Eu vim pra cá pra tratar basicamente de dois assuntos: o termo de ajustamento de conduta, o termo de compromisso e ajustamento de conduta do terminal e a nova estação de tratamento de efluente. Eu continuo basicamente com essas duas funções dentro do SMS, hoje, na área de Meio Ambiente. Na nova estação de tratamento de efluentes, eu sou o gerente desse projeto, desse empreendimento que leva, vamos dizer assim... são dez itens que compõem o escopo desse empreendimento. P1 – Você falou aí das suas funções, que é o TAC [Termo de Ajustamento de Conduta] e cuidar desse novo... R – Dessa nova estação de tratamento de efluente _____. P1 – Como é que é esse termo de ajustamento de conduta? Ele tem que ser renovado a cada ano? Como é que funciona? R – O termo de ajustamento de conduta foi um termo assinado em 2006, novembro de 2006, pelo diretor de dutos e terminais, na época, dutos e terminais da Transpetro, hoje terminais e oleodutos. Foi assinado em conjunto com o órgão ambiental aqui que é a Cetesb [Companhia Ambiental do Estado de São Paulo], Ministério Público Estadual e Ministério Público Federal. Ele tem validade de três anos. Então, teoricamente esse termo de ajustamento de conduta se encerraria agora em novembro de 2009. Existem vários compromissos, vamos dizer, obrigações condicionantes que devem ser cumpridas tanto pela Petrobras quanto pela Transpetro, né, durante esse período de três anos. Então está se encerrando... está se encerrando agora em novembro, né, com praticamente 90% dos compromissos assumidos e cumpridos pela Petrobras e pela Transpetro. Alguns, por exemplo, a própria estação de tratamento de afluentes, como eu falei, por uma série de questões de mercado, ela só vai poder ser concluída no final do próximo ano, aproximadamente, em setembro de 2010. Mas isso é de conhecimento tanto do Ministério Público Federal, Estadual e do órgão ambiental. É uma das obrigações que, por uma questão de mercado, a gente não conseguiu cumprir dentro do prazo do termo de ajustamento de conduta. Esse termo também, ele prevê... são cerca de 60 obrigações pra serem cumpridas pela Transpetro e pela Petrobras, prevê multa, tanto pecuniária como, vamos dizer, multa administrativa, né? E o não cumprimento de alguns itens pode levar ao pagamento do valor daquele bem inteiro que está previsto no TAC. É um termo originalmente com... equivale a 115 milhões de reais, mas só a estação de tratamento de efluente já está na ordem de 200 milhões de dólares. P1 – Então, fala um pouco o porquê dessa necessidade da nova estação de tratamento de efluentes. R – A nova estação de tratamento de efluentes, a necessidade dela é porque na atual, que nós temos aqui no terminal, ela tem uma capacidade de tratamento, de enquadramento de alguns parâmetros previstos na legislação da época. A legislação atual, além de ter alguma modificação com relação a alguns parâmetros, também existia uma certa... atualmente, o petróleo que nós trabalhamos tem algum, na sua água de formação, algumas características diferentes de componente, vamos dizer assim. Então, a estação de tratamento atual ela não tem mais uma capacidade adequada para tratamento adequado conforme legislação atual, por isso que foi incluído nesse TAC a construção de uma nova estação que pudesse enquadrar todos os parâmetros conforme legislação atual. E é isso que está sendo feito, a antiga continua operando até a próxima estar completa, ser construída e estar operando de acordo com a legislação atual. É exatamente isso que vai ser a modificação de uma pra outra, o porquê da necessidade dessa nova estação. P1 – E aí, esses efluentes que são tratados na estação, uma vez tratados, o que é feito deles? R – Eles são descartados no canal, depois de tratados e enquadrados, através de um emissário submarino que acompanha e, vamos dizer, descarta o produto, o efluente tratado, no “Y” lá do pier. Isso vai continuar sendo feito assim, será tratado o efluente daqui do terminal, que basicamente é água de formação. A água de formação é a água que vem junto ao petróleo, associada ao petróleo. Então, essa água tem que ser retirada do petróleo, pro petróleo ser processado. Só que essa água é uma água com alto teor de sal e com alguns contaminantes, vamos dizer, existentes na formação do petróleo lá de baixo, vamos dizer, do mar ou da terra onde ele é extraído. Então, essa água não poderia ser descartada nessa maneira num corpo d’água. Ela tem que ser tratada pra retirar uma boa parte desses contaminantes e enquadrá-la dentro do que está previsto na legislação atual. P1 – Signorini, eu estava pensando que você já, numa trajetória antiga... Você está trabalhando há muito tempo com SMS. R – Tô. P1 – E, aí, você, lá no Rio ainda, já cuidava da Transpetro, dos dutos e coisas desse tipo. Qual a sua relação lá com o terminal aqui? R – Bom, vamos dizer o seguinte: existiram algumas etapas da minha vida de trabalho que a relação teve alguma característica própria, né? No tempo em que ainda não estava na Transpetro, trabalhava no SMS corporativo da empresa, que hoje é o SMS corporativo, antes era Desema e Susema, o... basicamente eu tinha contato com todos os órgãos operacionais da empresa toda, não só com o terminal de São Sebastião, mas na questão de acidente, na questão de investigação de acidentes, por exemplo, na parte de projetos, né, de novas instalações. Eu sempre fiz análise de projeto lá na sede. Na orientação corporativa com relação aos aspectos a serem seguidos para a função segurança. Esse era o meu trabalho antes. De certa forma é um trabalho de consultor técnico, mas que não existia esse cargo antes, né, aliás, essa função, não é cargo. Depois que eu passei pra Transpetro... eu entrei pra Transpetro como coordenador de segurança e saúde, então, a gente tava formando a Transpetro. A Transpetro estava iniciando na área de Dutos e Terminais, quer dizer, a parte de dutos e terminais veio pra Transpetro em 2000 e o objetivo era a gente formar essa área, criar essa área, corrigir algumas coisas que poderiam eventualmente estar erradas, né, e criar uma filosofia única, uma política única pra toda empresa. Então, eu, dentro da área de Segurança e Saúde, o meu objetivo basicamente era esse: verificar nossos procedimentos, como nós atuávamos nessas duas questões e buscar padronizar as ações nessas duas questões em toda a empresa, sempre buscando a melhor técnica a ser utilizada, né? E tentando transformar o nosso trabalho de segurança e saúde em alguma coisa que pudesse ser referência pro restante da companhia. Então, o objetivo maior foi esse, o desafio foi esse. Foi isso que me fez vir pra Transpetro na época, era esse o desafio de tentar organizar essa área toda. Claro que isso não sozinho, todo o pessoal que já trabalhava na área, de buscar padronizar tudo que estava sendo feito e transformar isso numa referência pra empresa, esse foi o papel como coordenador. Quando eu passei pra gerente, o papel era mais ou menos esse, mas envolvia também a área de Meio Ambiente. Então, o que a gente queria era trabalhar de uma maneira uniforme em toda a empresa nas questões de SMS e tentar transformar o SMS num valor propriamente dito pra empresa e não apenas numa outra coisa que fosse obrigatória ser cumprida pra atingir um objetivo maior da empresa, que seria produção e lucro. Não, a gente queria que o SMS fizesse parte desse valor da Transpetro. Isso, de certa forma, foi conseguido, a gente pode dizer que o SMS é um valor pra empresa e isso foi conseguido com o apoio da antiga Diretoria, da Diretoria atual, ou seja, isso aconteceu porque foi vontade política da empresa e dos dirigentes da empresa em transformar o SMS em valor. P1 – Você falou aí da filosofia única do SMS pra empresa toda, mas existe alguma característica específica nesse sentido aqui do Tebar [Terminal São Sebastião]? R – Bom, o terminal de São Sebastião ele é o maior terminal da América Latina, né, uma característica específica. Eu diria que o que tem de característica específica aqui é que é um grande terminal, ele tem muita movimentação de navio, ele tem muita movimentação de petróleo, né, e as preocupações aqui abrangem todos os aspectos que podem existir nessas três funções: segurança, meio ambiente e saúde. Em alguns lugares é um pouco diferente, você tem preocupações um pouco menores, mas aqui você tem que estar o tempo todo vigilante porque, se acontecer alguma coisa aqui, né, de vulto um pouco maior, a gente para quatro refinarias do país, no mínimo, né? Então, as preocupações aqui são um pouco mais fortes, só isso. As características são as mesmas, mas as preocupações são um pouco mais fortes. P1 – E quais são as grandes providências, as grandes políticas que orientam a proteção ambiental aqui?

P1 – Não, assim, quais são as providências tomadas em relação à proteção ambiental aqui dentro do terminal? R – Tá, vamos ver se eu vou conseguir responder pra você isso. P1 – Tá bom R – O terminal de São Sebastião tem muita movimentação, ele é o maior terminal. Ele também teve, durante um certo período, um número maior de acidentes ocorrendo por aqui, de vazamentos, vamos dizer, que tenham ocorrido aqui. Então, a gente teve durante um período algumas situações de vazamento que causaram problemas ambientais no canal de São Sebastião. Isso não ocorre há um bom tempo, graças a Deus, e é um trabalho de todos, né? Mas a grande preocupação aqui é que você tem uma área muito sensível, ambientalmente falando, com relação ao canal de São Sebastião. Você tem muita movimentação de produto e você tem também uma sociedade que cobra bastante com relação a algo que pode estar afetando o meio ambiente local. E tem toda uma preocupação da Transpetro, dos dirigentes da Transpetro, do pessoal aqui do terminal, de operar de maneira a não causar nenhum tipo de transtorno ou agressão ao meio ambiente. Então, eu acho que essa é a grande característica. A gente tem trabalhos constantes de monitoramento do canal, de ver a biota do canal como é que ela se encontra, né, de correntes do canal de São Sebastião pra saber um eventual vazamento, saber pra onde essa mancha poderia se dirigir, todo um plano de emergência feito, preparado para o terminal, como para outros também da empresa, né, mas que levam.. foram traçados mapas de sensibilidade, mas que levam a gente a ter uma visão muito próxima da realidade do que poderia ocorrer no caso de um eventual vazamento e da gente trabalhar pra que isso não acontecesse, pra que isso não aconteça. Então, nós temos trabalhos com a comunidade, trabalhos de formação de agentes ambientais, trabalhos de educação ambiental que estão sendo realizados nos quatro municípios da região. Esse trabalho de educação ambiental, esse programa de educação ambiental, por exemplo, visa formar os professores das escolas públicas e dar-lhes uma capacitação de ensinar e de formar as pessoas, vamos dizer, os alunos nas questões de meio ambiente. Então, é um programa, vamos dizer, que tem um resultado no futuro, mas que a gente já começa a ver algumas coisas agora. Mas é de educação mesmo, de formação mesmo pra viverem um pouco mais, de maneira mais harmoniosa com o meio ambiente e saber cuidar dele, por exemplo. São várias as ações que estão sendo desenvolvidas aqui com relação ao meio ambiente, mas eu poderia citar essas daí como bem importantes. P1 – Bacana, uma relação bem próxima da comunidade. R – Isso. P1 – Agora, eu estava pensando, você falou que é da Coordenação do Meio Ambiente São Paulo-Centro-Oeste. R – Isso. P1 – Quais são as outras partes componentes dessa Coordenação? Com que outros órgãos aqui do terminal você se relaciona? R – Não, a Coordenação de Meio Ambiente São Paulo-Centro-Oeste da Transpetro ela tem, vamos dizer, atribuição nas áreas de terminais aquaviários dessa região, então, o terminal de São Sebastião, terminal de Santos. Tem uma atribuição também com relação aos terminais terrestres, então, você pega Guarulhos, São Caetano. E, como ela vai até o Centro-Oeste, você pega todo o Osbra [Oleoduto São Paulo-Brasília] que vai até Brasília. Então, essa Coordenação abrange todas as questões de meio ambiente nas instalações da Transpetro no estado de São Paulo e Centro-Oeste, instalações da Transpetro da área de Dutos e Terminais, da área de... da Diretoria de Gás e eventualmente, se necessário, também da área de Transporte Marítimo. Mas o ponto principal é das instalações terrestres existentes nessas regiões. E o relacionamento é direto com o órgão ambiental, né, um dos pontos principais é a questão de licenciamento, de estudos de risco, de... identificação, diagnóstico de áreas eventualmente impactadas, de remediação dessas áreas impactadas, coisas que a gente herdou de 30 anos, 40 anos da empresa lá pra trás e que hoje a gente tem que identificar e eventualmente remediar. Então, são várias as ações. P1 – E você está aqui, Signorini, desde 2006? R – 2006. P1 – Nesses três anos, você já conseguiu observar alguma coisa que tenha mudado aqui no terminal? R – Eu acho que não tem a menor... nos três anos que eu estou aqui a gente percebeu muitas mudanças, de certa maneira, mas eu acho que o mais importante não são essas mudanças aqui mais nesses últimos três anos, não. Eu, como estou há trinta na empresa, eu posso dizer que tem muita mudança nos últimos anos nas questões de SMS, no caso específico de meio ambiente, mas muitas mudanças até na postura das pessoas, da visão das gerências, né. E eu acho que eu poderia dizer que nesses três anos aqui, só pra resumir, eu acho que o que aconteceu também foi uma grande mudança no relacionamento com a comunidade e os órgãos ambientais, talvez até fruto do TAC também, mas não só fruto do TAC. O trabalho do pessoal aqui... o pessoal é muito consciente nessas questões e isso repercutiu e repercute de boa maneira, repercute bem junto aos órgãos, às prefeituras e aos órgãos ambientais, o Ministério Público. De vez em quando a imprensa aqui bate um pouco, ela gosta de bater, mas não só aqui, em vários lugares. Mas nós estamos fazendo todas as nossas ações aqui, tanto específicas de meio ambiente, segurança e saúde, como as do terminal dentro de uma visão de futuro e de trabalho que a gente possa conviver com a comunidade por perto, a comunidade conviver com o terminal, e isso levar o país a um desenvolvimento maior até do que está hoje. Então, eu não tenho dúvida de que isto está sendo compreendido por todos. P1 – E, Signorini, nesse tempo todo de trabalho seu na empresa, você tem alguma história interessante, inusitada pra contar pra gente? R – Eu não sei se eu tenho uma história interessante, inusitada, tem algumas coisas que marcam a vida da gente. Tem algumas coisas que marcam de uma maneira positiva e outras que marcam de uma maneira negativa? né. Eu não gosto de deixar de falar de uma coisa que realmente marcou de uma maneira negativa, que foi um grande acidente que eu falei há pouco, na refinaria, mas que também proporcionou tanto pra empresa quanto pros profissionais que viveram aquilo, no meu caso específico, pra mim, um crescimento muito grande. Eu não sei se é alguma coisa que a gente pode falar como inusitada, eu não gostaria de colocar dessa forma, né. P1 – Não. R – Mas a gente teve um acidente que foi um acidente muito grave na refinaria em 1981, eu te falei que morreram onze pessoas, né, e foi uma coisa que a gente passou a aprender um pouco mais dentro da empresa, que era a questão do gás sulfídrico. Então, isso foi uma coisa que marcou muito a minha carreira dentro da empresa. Eu acho que tem muita coisa que eu poderia falar, mas, aí, eu teria que me lembrar muito, né. Eu gosto de trabalhar na empresa, então tem várias coisas, se eu tivesse que escrever um livro de causos, uma parte dele talvez pudesse ser censurada, mas outra parte eu acho que eu poderia contar uma boa parte da história da empresa. Mas não diria mais nada com relação a isso a não ser desse acidente. P1 – Tudo bem. E, Signorini, você é sindicalizado? R – Não. Eu fui sindicalizado, e o meu “não” não foi nada contra ou a favor, muito pelo contrário. Eu fui sindicalizado no meu tempo de refinaria, eu tenho um bom relacionamento com o pessoal do sindicato, sempre tive, tenho uma boa relação com várias pessoas dirigentes sindicais no Brasil inteiro, inclusive da... tanto da FUP [Federação Única dos Petroleiros] quanto da Federação, né, sempre tive uma boa ligação com o pessoal, a gente se respeita bastante, a gente tem o direito de colocar os nossos pontos de vista. Mas desde que eu fui sindicalizado na Revap e depois saí do sindicato, eu não retornei. Não sou sindicalizado, já pensei nisso, mas não sou. P1 – E o que é que é pra você ser petroleiro? R – Ah, isso é muito complicado. Eu, quando tava ainda trabalhando no DCTA [Departamento de Ciência e Tecnologia Aeroespacial] aqui em São José, eu tinha pensado em entrar na Petrobras. Eu, antes, quando fazia faculdade, tinha pensado em entrar na Petrobras. Então, eu acho que o ser petroleiro é uma coisa que já estava na minha cabeça há muito tempo. Entrei e achei que não ia durar muito tempo na empresa não, são só trinta anos até agora, né, e eu posso dizer que tudo que eu consegui na minha vida, tanto profissional quanto pessoal, foi trabalhando nessa empresa. Então, o que é que é pra mim ser petroleiro? Eu acho que é a minha, porque senão eu não teria... tudo bem, eu poderia estar em outro lugar, fazendo uma outra coisa, com certeza, eu teria condições disso. Mas, hoje, eu sou um petroleiro e quando eu olho no espelho eu não tenho dúvida nenhuma disso, eu sou um petroleiro, minha vida é isso. P1 – Signorini, a gente está caminhando pro fim. Antes de eu fazer a minha última pergunta... R – Hmm... P1 - ...tem alguma coisa que você queira deixar registrado, que eu não te perguntei? R –

Não sei. Não. P1 – Então, pra encerrar, eu queria perguntar o que você achou de dividir um pouquinho da sua história e contar pra gente no Programa Memória Petrobras. R – Não, o que é que eu achei de a gente dividir um pouquinho da história? P1 – De dar a entrevista. R – Eu acho ótimo, o meu “mas” aqui é o seguinte: eu acho que a gente poderia falar muita coisa, né? E não teria espaço pra falar muita coisa. Talvez a gente poderia ter se preparado um pouco melhor, mas independente disso eu acho importante que a Petrobras se preocupe em registrar a sua história, ela tem muita história boa pra contar, e ruim também. Mas a história é composta das coisas boas e das coisas ruins. Então, eu acho que ela tem que fazer a sua história, registrar a sua história, né? Eu nunca tinha pensado em ser parte da história da empresa não, mas eu acho que com 30 anos eu tenho que, pelo menos, admitir que eu sou parte dessa história. Uma gotinha de óleo num monte de engrenagem, mas eu sou uma gotinha que ajudou essa empresa aqui a chegar aonde chegou hoje. Então, acho importante estar participando aqui com vocês e, se um dia eu puder contribuir em mais alguma coisa, contem comigo, não só pro Memória Petrobras, mas pra Petrobras como um todo. P1 – Está bom, obrigada. R – De nada. Agora desliga aí um pouquinho: foi muito ruim? P1 – Não, imagina. Eu é que queria desculpar se, de repente...